

## “TERRITÓRIO NA GEOGRAFIA DE MILTON SANTOS”

Antonio Carlos Robert Moraes – Editora Annablume, maio de 2013, 130 p.  
São Paulo

Um ano é um fragmento do tempo marcado com eventos impactantes. Um livro original que vem a lume é um desses eventos. Antonio Carlos Robert Moraes nos oferece mais um de seus estudos, agora reverenciando o pensamento de um dos mais ilustres geógrafos da atualidade. Recebi-o com dupla alegria: como presente e como convite a manter a viagem pela vasta produção do destacado geógrafo brasileiro, de quem fui orientando e, com muita honra, amigo. Repito o que registra o autor: “é, antes de tudo, uma homenagem ao Professor Milton Santos” (p. 9). Se vivo estivesse, muito lhe agradaria, como intelectual e homem de idéia.

Pelo título, o autor revela sua intenção, mas explicita-a na Introdução da obra: “território (...), selecionado para conduzir nossa análise” (p. 14). Diríamos que Moraes, com seu fôlego de fino intelectual extrapola sua “empreitada”, ampliando o limite a que se propôs: logo na Introdução, nos oferece uma periodização da produção de Milton Santos, desde o meado do século passado, quando reafirma a “convivência de posturas metodológicas díspares é uma constante em sua produção, defendida explicitamente pelo autor” (p. 12); adiante, Moraes oferece comentários de temas e conceitos das obras em análise, como marginalidade (p.48), os dois circuitos (p. 50), formação social (p. 47 e 73), região (p. 85), rede (p. 96), entre outros.

O livro, publicado em maio de 2013, enfeixa-se em 130 páginas, cujo conteúdo se divide em quatro partes: 1. Introdução; 2. Uso do conceito de território na teoria da Geografia de Milton Santos; 3. “O retorno do território”: um comentário crítico e algumas ilações contextuais e 4. Epílogo: um uso do conceito de território de Milton Santos. Em toda a extensão do livro, nessas quatro partes, o autor utiliza-se de 413 notas de pé-de-página, tanto para complementar seus comentários e referenciar autores clássicos, como, principalmente, destacar excertos da obra em análise.

Na Introdução, Moraes explica o significado de Milton Santos para a história do Departamento de Geografia da USP, principal centro da irradiação do pensamento da Geografia para a América Latina. Além disso, faz ressalvas, destacando a postura teórica e metodológica ímpar do autor analisado. Em seguida, delimita o recorte a que se propõe, o conceito de território utilizado na obra do ilustre geógrafo. Para tanto, faz breve periodização das “fases metodológicas na teorização de Milton Santos” (p.12). Moraes agrupa os livros segundo a divisão temática. Nessa parte, ressalta: “trata-se, portanto, de uma visão heterodoxa praticada por um comentarista que não vê com bons olhos nenhuma ortodoxia”

A segunda parte, a principal do estudo, ocupa dois terços do livro, dedicada à análise dos vinte e dois livros, obedecendo a sequência das décadas, mas preferindo demarcá-los conforme as rupturas teóricas e metodológicas apresentadas pelo destacado teórico da Geografia atual. Atente para o já referido na Introdução: “cabe reafirmar que a conveniência de postura metodológica díspare é uma constante em sua produção...”(p. 12). Isso não é demérito, visto que próprio Santos diz: “a proposição de uma nova metodologia representa a conquista de novos temas de pesquisa” (ver nota 7).

Em cada obra analisada, Moraes apresenta a postura metodológica e epistemológica de Santos, ultrapassando os limites de sua proposta em ter o território como preocupação básica. Ao analisar o livro de 1971, “O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo”, situa a crítica de Santos à ortodoxia e unicidade metodológicas. Aponta-nos, ainda, que “Por uma geografia nova’ é uma obra seminal, ocupando um papel destacado de síntese de seus posicionamentos teóricos” (p. 43), mantendo-se, até hoje, como “texto clássico da teoria geográfica”. “A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção” (1996), Moraes destaca como livro com “formulação mais acabada e completa de uma teoria da Geografia” (p. 87), além de conter a teorização da urbanização no mundo periférico. Nele, são explicitados 569 títulos discutidos, cujos autores são ordenados por sua postura teórica. Alonga a análise, afastando-se da busca pelo território na obra do autor, o que nos possibilita visualizar outras posições teóricas e metodológicas, enriquecendo a compreensão e maior aprofundamento do pensamento de Milton Santos.

Nosso analista nos oferece, com este destacado estudo, distinguir um autor que se pôs em outro combate, o “combate ideológico” (p. 98), em “Por uma outra globalização” (2000). Por fim, encontramos sua análise do livro “O Brasil: território e sociedade no início do século XXI” (2001), onde Santos assume “formular uma teoria do Brasil a partir do território” (p. 103). A nosso ver, esse livro exigiu de Moraes referir-se a um texto, único inserido no estudo, quase complementar da análise. Para finalizar a análise, dedica as últimas seis páginas ao reconhecimento teórico do conceito “território usado”.

Pelo espaço restrito de modesta resenha, muito teríamos a dizer sobre esse importante estudo, porquanto “Território na geografia de Milton Santos” é um tarefa de fôlego, cuja dimensão abre perspectiva para outros trabalhos analíticos e críticos sobre a obra desse genial teórico da Geografia do mundo periférico.

Resenha escrita por Luiz Cruz Lima